

**A DÁDIVA DO BANQUETE:
PARA UMA ABORDAGEM VINCULACIONISTA DA FESTA”¹**

Paulo Roberto Albieri Nery*

RESUMO: Em trabalho que se constitui como modelar de uma análise interpretativa (“A festa de Babette: consagração do corpo e embriaguês da alma”, Horizontes Antropológicos v. 2, n. 4, p.71-83), a antropóloga goiana Nei Clara de Lima faz uma interpretação do filme “Festa de Babette”, do diretor cinematográfico Gabriel Axel, focando sua análise na cosmologia luterana dos valores relativos à alimentação exposta na obra. Com base no mesmo filme, pretendo mostrar a possibilidade de analisá-lo de outra maneira, evocando o que se poderia chamar uma abordagem vinculacionista (ou interdependentista) da festa, na qual são trazidos à discussão os elementos de análise que compõem a teoria maussiana da dádiva (ou dom).

PALAVRAS-CHAVE: Festa. Dádiva. Vínculo.

THE GIFT OF THE BANQUET: FOR A BINDING APPROACH OF THE PARTY

ABSTRACT: In work that it constitutes as an interpretative analysis the anthropologist Nei Clara de Lima makes an interpretation of the film “Babette’s Feast”, of the cinematographic director Gabriel Axel, analyzing the Luteran cosmology of the relative values of feeding displayed in the workmanship. On the basis of the same film, I intend to show the possibility to analyze it in another way, evoking what it could call a vinculacionist boarding of the party, in which the elements of analysis brought to the quarrel compose the maussian theory of the gift (or dom).

KEY WORDS: Festival. Gift. Link.

¹ Texto apresentado originalmente na Reunião Brasileira de Antropologia transcorrida em Goiânia, 2006.

* Dr. em Antropologia pelo Museu Nacional - UFRJ e Professor-associado na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Depto. de Ciências Sociais, Faculdade de Artes Filosofia e Ciências Sociais.
Campus Santa Mônica - Bloco 1H - Sala 28
38400902 - Uberlândia, MG – Brasil

Recebido em: out. 2007

Avaliado em: out. 2007

A Festa de Babette é uma história que se presta a muitas interpretações (LIMA 1996). Pretendo recorrer, de minha parte, para abordá-la em análise interdependentista ou vincucionista, que resgata a obra de Marcel Mauss e o tema da dádiva (CAILLÉ 2002; GRAEBER 2001) como fundamentos para pensar a sociabilidade humana.

A autora da ficção em questão, a escritora dinamarquesa Karen Blixen (1885-1962), escrevia sob o pseudônimo de Isak Dinesen e teve sua obra adaptada para o cinema pelo diretor, seu conterrâneo, Gabriel Axel, em 1987.

Em minha análise, baseio-me especificamente na obra cinematográfica, em formato DVD, disponível no Brasil. Quero mostrar como a estória retrata a construção de uma rede de vínculos entre diversos personagens, a partir da existência de uma dádiva de abertura (MAUSS, 1981), feita pelo personagem Babette, sob a forma de uma festa-banquete, a qual estabelece uma mediação que irá transformar todos os obstáculos à harmonia das relações entre as pessoas em ponte para uma efetiva vinculação.

A Festa de Babette retrata um modo de vida bastante frugal baseado em crenças religiosas luteranas num pequeno povoado da costa norueguesa². Ali, o patriarca de uma seita local conduz uma vida regrada que exige bastante sacrifício dos membros da seita, no tocante aos prazeres corporais que podem ser experimentados. A glória espiritual é o pretexto que se usa para coibir aos sentidos as formas de experiências sensíveis mais banais.

O pastor tem duas filhas, Martina e Philippa, as quais vivem sob seus cuidados, ajudando-o a pregar a verdade das palavras de seu credo aos membros da pequena comunidade.

Até os pretendentes ao amor de Martina e Philippa são afastados sob a alegação de que representam suas mãos direita e esquerda, e então, como um corpo poderia se desfazer de qualquer uma delas?

A aldeia é visitada também por representantes de mundos simbólicos bastante diversos do delas. O oficial militar que conhece Martina e por ela se apaixonou sente em pouco tempo de convivência a absoluta incongruidade entre seu modo de vida e valores e o modo de vida e valores locais. Tendo crescido valorizando as conquistas mundanas, é incapaz de se sentir à vontade na presença de seus hospedeiros por ocasião de um jantar do qual participa. Volta então para seu mundo, certo de que aquele mundo lhe é proibido, e dessa forma faz a escolha de obter sucesso na vida mundana como oficial militar.

Por sua vez, o cantor lírico Achille Papin chega à aldeia, conhece Philippa e se apaixonou por sua voz, e a potencialidade de uma carreira lírica destinada ao sucesso e

² A obra original escrita por Blixen havia localizado o cenário da aldeia na Dinamarca, país de origem da autora; o diretor do filme realocou a estória na Noruega, aparentemente com o propósito de universalizar o sentido da mesma (PODLES, 2006).

à glória terrestres. Também aqui a relação entre o expressivo Papin e Philippa se rompe, e ele retorna infeliz para seu mundo.

Algum tempo depois chega à aldeia uma mulher de meia idade, Babette, que se oferece aos serviços de Martina e Philippa, numa noite de uma forte tempestade na aldeia. Às irmãs, que a essa altura já haviam perdido o pai que falecera há alguns anos, protestam que não têm com que pagá-la pelos seus serviços, mas em vista de a ofertante se dispor a trabalhar apenas em troca de hospitalidade, aceitam-na e passam a ensinar-lhe os modos da casa quanto à arrumação e comida.

Durante 12 anos, Babette se mantém prestando serviços domésticos às duas irmãs, sempre procurando extrair o máximo dos poucos recursos existentes, bem como sempre procurando tornar o mais apreciável possível os alimentos que prepara, dentro do padrão estabelecido pelas irmãs, ou seja, extrema sobriedade alimentar, como se fosse uma penitência que o corpo tivesse que fazer cotidianamente em nome da consagração espiritual.

Até que um dia, Babette tem notícia de que recebera um prêmio de loteria, representado pela quantia de 10 mil francos.

Ela então oferece às irmãs Martina e Philippa fazer um jantar francês, em vista de ela ser francesa, em nome da passagem do 100º aniversário de nascimento do pai delas, já falecido.

Depois de uma certa hesitação, elas aceitam a oferta e passam a esperar a chegada desse dia com apreensão, por conta das imagens por elas associadas a um modo de alimentação caracteristicamente desperdiçador.

Mas chega o dia da comemoração, que se torna um banquete com o requinte dos talheres, louças e demais utensílios que adornam a mesa e o ambiente onde o jantar acontece. Presente à mesa, o oficial militar de tantos anos atrás, agora elevado ao posto de general, se deslumbra com o requinte do jantar, e mais ainda com a preciosidade dos alimentos que passam a ser servidos em seqüência. Acostumado a um padrão similar, passa a servir involuntariamente de referência aos demais participantes da mesa no trato dos utensílios, assim como na apreciação dos alimentos e bebidas.

Á estória se completa com os membros da comunidade reatando os laços de amizade e fraternidade, ameaçados pelas intrigas e mágoas trocadas em um longo intervalo de tempo, e com Martina e Philippa finalmente compreendendo e reconhecendo a dimensão da importância de doação feita por Babette.

Num certo sentido também os dois pares, que sofreram rompimento logo no início da convivência, se reconciliam em espírito. O oficial reconhece a Martina nunca tê-la esquecido, e ainda que jamais a esquecerá. Quanto à Philippa, a surpresa com o reconhecimento do gesto de doação feito por Babette, afinal, desperta nela a lembrança das palavras de Papin, as quais previam que se ela não pudesse exercer seu canto nesse

mundo, com certeza poderia fazê-lo no céu, “e como irá encantar os anjos”, mostra o diálogo do filme. Emocionada, Philippa abraça Babette, e prognostica a ela que seu talento culinário também irá encantar um dia os anjos pela forma generosa com que todos esses anos ela vinha se portando diante delas.

A análise vincucionista da festa

Tomado como um campo etnográfico dentro do qual se pode refletir sobre as relações de vínculos aí presentes, a Festa de Babette põe em jogo o princípio da dádiva e mostra uma transformação transcendental no comportamento das pessoas pelo efeito da festa-banquete oferecida, no sentido de que, se antes as diversas relações diádicas preexistentes à chegada de Babette à aldeia sofriam um processo de ruptura, a partir desse momento essas relações se reconstroem a partir da mediação exercida sobre elas pelo gesto dadivoso, ou pelo ato de generosidade, representado pelo oferecimento de um jantar feito por Babette às irmãs.

A dimensão desse oferecimento e dessa generosidade (FLANAGÁN, 2006) deve ser buscada em três níveis distintos: ao nível de seu coração, ao nível de seus talentos culinários, e ao nível de sua riqueza material.

Ao nível do coração, visto que Babette se oferece para cozinhar o jantar em comemoração aos cem anos de nascimento do pai de Martina e Philippa, prestando dessa forma homenagem a elas - a pretexto de ser homenagem ao pai delas - por elas terem-na recebido em sua casa e terem-na acolhido sem mais. Em termos das obrigações de dar, receber e retribuir que constituem o princípio da dádiva exposto por Mauss (1981, 2003), pode-se fazer uma analogia com a terceira obrigação do princípio, aquela que, impulsionada pelo sentimento de dívida, leva a pessoa a retribuir um gesto reconhecido como dádiva.

Ao nível dos talentos culinários, porque Babette na verdade se oferece para fazer não apenas um jantar, mas um legítimo jantar francês, com o requinte que sabia de antemão não ser condizente com os hábitos locais, mas que colocava em jogo o sentimento de saber receber que faz parte do princípio da dádiva.

Saber receber se constitui numa arte a que todos devemos em tese estar preparados, visto que o valor da dádiva não está depositado na equivalência do objeto dado em relação à pessoa que o recebe, mas em sua potencialidade de surpreendê-lo. Sempre nos surpreendemos pela capacidade que as coisas que vimos a obter têm de se mostrar maior do que aquilo que de fato aspirávamos, e em geral hesitamos diante de uma oferta que se mostra mais significativa do que sua demanda. Mas assim como Babette demonstrou ao longo de doze anos saber receber a dádiva do gesto das irmãs, posto que recebendo-a em casa, Martina e Philippa passaram a ministrar-lhe lições do modo local de se cozinhar, atitude essa que teve em Babette uma disciplinada aluna. Como se não soubesse cozinhar, Babette aceita os ensinamentos a despeito da precari-

idade da elaboração culinária requerida, quando comparada com seus próprios dotes, e agora, durante a oferta do jantar francês, espera que as irmãs também recebam com gratidão tal qual ela mesma demonstrara ser capaz.

Ao nível das riquezas materiais, finalmente, uma vez que Babette se dispõe a usar o prêmio em dinheiro que ganhara na loteria para fazer o jantar. Mesmo sob a recusa inicial das irmãs quanto a isso, ela consegue demovê-las de sua resistência, apelando para o fato de que é sua primeira demanda em tantos anos de coabitação. Esse gesto põe em jogo a obrigação de dar propriamente dita, a qual completa os níveis do princípio espiral da dádiva (CAILLÉ, 2002).

A dádiva constitui então um princípio de relação que opera uma mediação entre os pares envolvidos. E o sentido da dádiva em forma de festa-banquete torna possível fazer do festejar-comer-beber um encontro com algo transcendente aos indivíduos em seu isolamento, fazendo-os se sentirem juntos por se reconhecerem unidos em corpo-espírito-coração.

A lógica da festa-banquete

Festejar-comer-beber é um tema significativo na tradição judaico-cristã (SCHIMPF, 2006). Entre os hebreus, vários eventos significativos na história do povo israelita estão conectados pelo gesto de festejar-comer-beber juntos. Antes da fuga da escravidão egípcia, o deus de Israel conduz seus filhos à comemoração de sua libertação, através da partilha de uma refeição, a Páscoa. Para os cristãos, Jesus teria começado a sua pregação, segundo o Evangelho de São João, num festim de final de semana, ao transformar água em vinho; e, depois, teria terminado sua missão junto aos apóstolos compartilhando uma refeição com eles, na qual ele lhes oferece seu sangue e seu corpo na forma de vinho e pão.

Igualmente significativo em outras tradições, que não cabe nesse espaço discorrer, a experiência de festejar-comer-beber remete para uma modalidade de realização da existência humana, na qual corpo-espírito-coração (FATULA, 2006) são simultaneamente mobilizados no sentido de proporcionar uma experiência de transcendência da atitude mundana mas através mesmo de práticas mundanas (como comer e beber). Ao mesmo tempo se prestando tanto para sustento do corpo como para consagração do espírito. E ainda fazendo com que a realização plena da vida humana seja alcançada por meio da coexistência daquilo que é familiar e daquilo que é surpreendente.

A Festa de Babette, paradigmaticamente possibilita uma leitura modelar desse processo de transformação que reveste a experiência de festejar, ao propor que a mediação representada pela dádiva de Babette é propiciadora de uma extensa rede de vínculos solidamente constituídos, que dá ensejo para que os indivíduos, considerados separadamente, possam reconhecer que tanto as escolhas feitas quanto as rejeitadas lhe são gratuitamente ofertadas ainda agora.

Nesse sentido, a festa-banquete oferecida por Babette se mostra simultaneamente como uma experiência de transcendência da vida mundana, física e temporalmente, se mostra ainda reveladora de quão surpreendente pode e apresentar a vida naquilo que ela tem de mais familiar; e também se mostra reveladora de quão intercambiáveis são as agendas mundanas do corpo e as demandas transcendentais do espírito e do coração.

Conclusões provisórias

Procurei sustentar ao longo dessa exposição que A Festa de Babette, ao transformar festejo, comida e bebida em exaltação da Graça da vida na forma de uma dádiva sempre renovada, coloca perante nós a tarefa sempre inconclusa de rendição aos vínculos que nos mantêm, vivendo também, mas sobretudo existindo.

Considerando então que esta primeira tomada do problema se pretende como uma tentativa de aproximação ao tema da dádiva e do princípio que o subjaz, postularia de início a idéia de que A Festa de Babette apresenta o aparecimento do personagem Babette como uma mediadora da ação dadivosa. O encontro de experiências de mundo no início da estória, entre Martina e Lorens de um Lado e entre Philippa e Achille de outro se esgota sem desdobrar-se em redes de compromisso e vínculo. É o aparecimento de Babette, e suas ações subseqüentes, que criam as circunstâncias de reatar os laços de dádiva.

A perspectiva considerada toma a ação de Babette como sendo capaz de expressar simultaneamente atendimento às normas e liberdade de atender a seus próprios interesses individuais, porém sem se confundir exclusivamente com nenhum desses pólos de ação. É dessa maneira que se pode considerar ser essa liberdade tomada num sentido não-equivalente àquele postulado pelo paradigma neo-liberal (ou individualista), segundo o qual a liberdade se confinaria com a ausência de dívida. Pelo contrário, os gestos do personagem Babette, que terminam por oferecer a festa-banquete na estória, criam uma “abertura para o inesperado, para o diferente, para a reciprocidade” (PEREZ; OLIVEIRA; APGAUA, 2000) que faz ressaltar o caráter ambivalente que a festa em si, quando considerada como ação dadivosa, é capaz de expressar, isto é, a festa se manifesta como um “fator de sociação somente quando transforma o agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para o outro” (SIMMEL apud PEREZ; OLIVEIRA; APGAUA 2000). E é justamente o caso.

Essa possibilidade somente é alcançada pela criação de uma situação ou estado de vivência no qual vige uma espécie de dívida estrutural, na qual o sentimento de incerteza alimenta e é simultaneamente alimentado pelo sentimento de dívida, já que o que está em questão não é a autonomia individual, mas o seu contrário, a saber, a liberdade do outro.

“Dever muito a alguém”, nessas circunstâncias, é uma expressão que se toma fora ou para além do significado meramente econômico da relação entre duas ou mais pessoas, na medida em que ao expressá-la, uma pessoa não manifesta o reconhecimento em relação àquilo que calculadamente deve a outra pessoa, mas sim exprime aquilo que recebeu dela, e por isso se sente obrigado em relação a ela (GODBOUT, 1999 p. 198).

É nesse sentido, então, que se pode afirmar ser a festa um contexto no qual e pelo qual as dádivas postas em ação pelo personagem Babette encontram suas próprias dádivas de retribuição, ou contra-dádivas, na medida em que acionam, seja através do paladar, seja da memória, seja da exaltação espiritual ou da delicadeza na troca de gestos entre os participantes, “nódulos de dádiva” (PEREZ; OLIVEIRA; APGAUA 2000) expressivos da rede de vínculos e de sentimentos mútuos de obrigação estabelecidos entre, os participantes, presentes e ausentes, da festa.

Referências

- BLIXEN, K. *A Festa de Babette e outras histórias do destino*. Lisboa: Asa, 1999.
- CAILLÉ, A. *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FLANAGAN, R. *Babette's feast: the generosity of God*. Disponível em: <www.karenblixen.com/babette.html>. Acesso em: 2006.
- FATULA, M.A. *Current trades: feasts of grace*. Spirituality today, Chicago, v. 41, n. 2, p. 166-173, 1989.
- GODBOUT, J.T. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- GRAEBER, D. *Toward an anthropological theory of value*. New York: Palgrave, 2001.
- HYDE, L. *The gift: imagination and the erotic life of property*. New York: Vintage Books, 1983.
- LIMA, N C. de. *A Festa de Babette: consagração do corpo e embriagues da alma*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v.2, n. 4, p. 71-83, 1996.
- MAUSS, M. Dom, contrato, troca. In: *ENSAIOS DE SOCIOLOGIA*. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 351-372.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas. In: *SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 183-314.
- PEREZ; OLIVEIRA; APGAUA. Reflexões em um debate ficcional: efervescência religiosa e reconfigurações societárias – nódulos de dádiva na sociedade brasileira contemporânea. In: *REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 22, 2000, Brasília. *Comunicação*. Brasília: Fórum Ventura e Aventuras Religiosas, 2000.
- PODLES, M.E. *Babette's feast: feasting with lutherans*. Disponível em: <www.karenblixen.com/babette.html>. Acesso em: 2006.
- SCHIMPF, D. *The feast as utopia*. Disponível em: <www.karenblixen.com/babette.html>. Acesso em: 2006.